

Manuel Leitão

**FORASTEIROS EM
IDANHA-A-VELHA
AO TEMPO DOS ROMANOS**

**Prefácio de
José d'Encarnação**



Título: FORASTEIROS EM IDANHA-A-VELHA AO TEMPO DOS ROMANOS

Autor: Manuel Leitão

Prefácio: José d'Encarnação

Revisão de Texto: José d'Encarnação e Carlos Coelho

2021 Euedito

geral@euedito.com

www.euedito.com

Depósito Legal: 486576/21



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Todas as imagens e textos constantes na capa, contracapa e miolo são da responsabilidade do(s) autor(es).

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	7
Resumo:.....	19
Abstract:	19
1. INTRODUÇÃO	21
2. - A POPULAÇÃO ESTRANGEIRA... ..	25
A. – Tarraconensis	25
1. Clunienses	25
2. Interamicus.....	37
3. Libiensis.....	40
B. – Lusitânia	45
4. Conimbrigensis	45
5. Emeritensis.....	49
6. Interanienses.....	52
7. Lancienses.....	55

8. Lancienses Oppidanos	60
9. Paesurus	69
10. Salmanticensis.....	73
11. Taporus.....	76
C. – Bética.....	81
12. Italicensis	81
BIBLIOGRAFIA.....	93

PREFÁCIO

Igaedis, cidade acolhedora

Não se encontrou documento que mencionasse a cidade doutra forma que não *civitas Igaeditanorum*. Por isso se pensa que *Igaedis* poderia ter sido o seu nome. A opção por «cidade dos Igeditanos» terá cumprido, porém, um desiderato: a de chamar a atenção para as pessoas que nela viviam. O mesmo se terá passado também com a *civitas Aravorum*, tudo muito diferente, portanto, de *Felicitas Iulia Olisipo*, cuja designação se reveste de mui ampla conotação política.

Prende-se esta reflexão com o teor deste livrinho de Manuel Leitão, a dar conta dos forasteiros registados na epigrafia romana da *civitas Igaeditanorum*. E essa é,

de facto, a primeira observação: registados na epigrafia com a menção da sua origem. Ou seja: ali chegaram, ali viveram, ali repousaram os seus restos mortais, sem que de parte alguma se verificasse rejeição. Uma exemplar convivência, que tanto sublima a atitude de quem veio como a de quem recebeu.

Cosmopolitismo? Custa-nos a crer – mas, se calhar, é incredulidade devida aos nossos registos mentais da actualidade, em que cosmopolitismo implica cidade grande, porventura portuária, pólo de atracção das mais desvairadas gentes, para se usar um adjectivo caro a Fernão Lopes quando se refere ao frenesim de Lisboa nesse último quartel do século XIV. Haveria frenesim na *civitas Igaeditanorum*? Custa-nos a crer. Olhando hoje para o bucolismo que da

povoação se desprende, ali encaixada num vale, banhada pelas bonançosas águas do Pônsul. Acolhedora parece, à primeira vista, nada exposta, como a altaneira Monsanto que lhe fica por perto, a ventos agrestes ou fortes calores estivais.

O certo é que de, pelo menos, uma vintena de ‘forasteiros’, como lhes chama Manuel Leitão, ficou imorredoiro rasto perpetuado na pedra. Em epitáfios. Quer isso dizer que os parentes encarregados de os gravar não quiseram deixar seus créditos por mãos alheias e houveram por bem mencionar a naturalidade do seu ente querido. Para que se soubesse. Ou constituiria essa uma forma de se quererem distinguir dos naturais? Creio que não. Quando analisei a forma de, na investigação sobre este tema da mobilidade, se lograr identificar a proveniência de

alguém mencionado numa epígrafe romana sem que dele expressamente se indicasse a sua origem, chamei a atenção para a tipologia dos monumentos funerários, porque se me afigurou – e citei testemunhos – que poderia ser seguido o cânone estético ou formal dos antepassados¹. Ora, aqui, na *civitas Igaeditanorum*, também nesse aspecto se observa uma comunidade facilmente integradora. Não se proclama outra origem em contraste, mas por orgulho na procedência.

Resulta, pois, uma comunhão das gentes, sem conflito.

A vinda dos Clunienses por via das explorações mineiras, nomeadamente do ouro de aluvião, é ponto assente, na medida

¹ *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra: Minerva, 1998, p. 101-109.

em que está documentada a sua experiência nesse domínio. Não seria, porém, só o ouro a fonte de rendimento dos Igeditanos. Agricultura, sim; caça e pesca – para o quotidiano. Ocorre, por exemplo, perguntar:

– ¿Porque há um cidadão de *Emerita Augusta* que oferece um *orarium* – que eu continuo a pensar ser um relógio, quadrante solar ou parecido² – aos habitantes? ¿E não é essa oferta solenemente recebida pelos *magistri* das quatro *gentilitates* em que a população da *civitas* estaria agrupada? «Caberá a Robert Étienne lançar a hipótese de se tratar de um acto benemerente, sim, mas de funda conotação política, dado que o

² Considero dificilmente aceitável, do ponto de vista epigráfico, a proposta de *oratorium*, feita pela colega e amiga Alicia Canto: CANTO (Alicia M^a), «Un *oratorium* para los Igaeditanos. Microepigrafía de un reloj imposible en la inscripción más famosa de Idanha (Portugal)», *Anas* 25-26 (2012/2013) p. 9-44.

orarium poderia querer significar a intenção de, também ali, o quotidiano se passar a pautar pelo ‘tempo’ imperial —e o facto de a oferta ter partido de um notável emeritense sublinharia essa intenção»³.

– ¿E porque é a *civitas Igaeditanorum* a única cidade lusitana – a par de *Emerita, Caesar Augusta*, Medellín, Linares (Cazlona) e *Bracara Augusta*, no contexto peninsular – a homenagear Gaio, «um dos filhos adoptivos de Augusto, no momento em que o imperador, preocupado com a sua sucessão, deposita esperanças em Gaio e em Lúcio, nomeando-os Césares, indigitando-os desta forma para um deles – ou mesmo os dois – virem a ocupar o trono após a sua

³ ENCARNAÇÃO (José d’), «Augusto e a Lusitânia Ocidental – uma nótila», *Studia Historica – Historia Antigua [Augusto y el Imperio Romano]*, 32, 2014, p. 201-202. <http://hdl.handle.net/10316/28204>

morte»⁴? E, como as demais, a *civitas Igaeditanorum* apressa-se a mostrar que está do seu lado, mandando esculpir o busto de Gaio e colocando-o no fórum, saudando-o como *pontifex, consul, imperator e princeps iuventutis*⁵.

E a resposta ocorre espontânea: porque a cidade, modesta na sua aparência arquitectónica e urbanística, gozava de importância não irrelevante!

Situava-se, por exemplo, na via que ligava *Emerita* a *Bracara Augusta*⁶, e este não é um factor de somenos, atendendo à importância que esta via detinha não apenas

⁴ IDEM, *ibidem*, p. 202.

⁵ SÁ (Ana Marques de), *Civitas Igaeditanorum: Os Deuses e os Homens*, Município de Idanha-a-Nova, 2007, inscrição nº 52.

⁶ MANTAS (Vasco Gil) *As Vias Romanas da Lusitânia* [Série *Studia Lusitana* nº 7], Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2012, p. 242.

do ponto de vista económico mas também político-social.

E não poderá deixar de referir-se a acção de *Caius Cantius Modestinus*, “construtor de templos”⁷. Dispunha *Modestinus* de elevado poder económico, que decerto granjeara através da exploração mineira; por isso, faz questão em indicar nas inscrições que os templos que mandou erguer os fez *ex patrimonio suo*, em singular atitude de benemerência; contudo, o que mais é de realçar é o facto de terem sido Vénus, Marte, Vitória e o Génio do Município as divindades escolhidas, muito próximas, portanto, da ideologia imperial.

⁷ MANTAS (Vasco Gil), «Evergetismo e culto oficial: o construtor de templos *C. Cantius Modestinus*», in GÓMEZ PALLARÈS, Joan e MAYER, Marc (coord.), *Religio Deorum. Actas del Coloquio Internacional de Epigrafia: Culto y Sociedad en Occidente* (Tarragona 1988), Sabadell, 1993, p. 227-250.

Vasco Mantas chega a propor que – sendo *Modestinus* «uma personalidade pertencente a um ambiente cultural com poucas ou nenhuma relações com o mundo indígena, muito provavelmente de origem itálica» – as suas iniciativas poderão reflectir a «vontade do poder central de desenvolver um ideal de unidade em torno dos cultos oficiais, através de manifestações religiosas directamente relacionadas com uma concepção imperial da *maiestas Populi Romani*» (*ibidem*, p. 238-239).

Por conseguinte, a atracção exercida pela *civitas Igaeditanorum* não se resumia às riquezas do seu *ager*: havia todo um prestígio, nesse dealbar do Império Romano, a que os demais hispânicos não haviam de resistir.

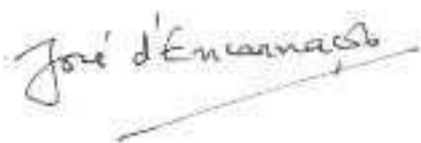
Fez bem, por isso, Manuel Leitão em chamar a atenção para as inscrições que plenamente documentam essa atracção. Retira-as, pois, do *corpus* de *Igaedis*, apresentando circunstanciada ficha de cada um, demorando-se nos comentários de índole onomástica, justamente para que se compreenda bem quanto a antroponímia resulta importante para caracterizar as personagens referidas: 6 *Clunienses*, 2 *Lancienses Oppidani*, 2 *Emeritenses*, 2 *Conimbrigenses*, 1 *Libiensis*, 1 *Interamicus*, 1 *Interanniensis*, 1 *Lanciensis*, 1 *Salmanticensis*, 1 *Pesaurus*, 1 *Taporus* e 1 *Italicensis* (sendo este o único da província da *Baetica*).

Discutir-se-ia a possibilidade de terem a mesma naturalidade dos defuntos aqueles que lhes mandam erigir o epitáfio, mormente

se familiares; contudo, a opção por apenas se considerarem neste rol os que expressamente se identificam com a naturalidade apresenta-se, de facto, como a mais segura do ponto de vista metodológico, embora a questão se possa colocar.

Não creio que se tenha feito, até agora, estudo idêntico em relação a outras cidades lusitanas; mas estas duas dezenas de testemunhos guindam, sem dúvida, a cidade a lugar cimeiro como pólo de atracção de forasteiros.

Cascais, 13 de Julho de 2021

A handwritten signature in cursive script, reading "José d'Encarnação", with a horizontal line underneath it.